

## A POESIA EMOCIONAL DE PEDRO MAVIGNIER

*Pedro Gomes de Matos*

A maneira de Augusto dos Anjos, o mais lido e mais discutido dos poetas brasileiros, teve a dor o privilégio de apurar o estro e a sensibilidade de PEDRO MAVIGNIER.

Fê-lo inclusive o sofrimento aperceber-se do sobrenatural e o aproximar da mais terna de todas as filosofias: a filosofia cristã.

*Úlcera* é testemunho do transe por que passou o poeta:

*Úlcera, teu pungir me desespera,  
Rendido sou ao teu capricho insano  
Fere-me com a dor do desengano  
De quem da vida nada mais espera.*

*Nas vísceras de um débil corpo humano,  
O teu morbus fatal tudo lacera,  
E lenir tua dor será quimera  
Ou melhor bendizer de amargo dano*

*Roubaste-me da vida as esperanças,  
A ciência já por mim não quebra lanças,  
Meus anseios vitais vejo-os perdidos.*

*E só me dás por prêmio derradeiro:  
Fruir no Nada um continente inteiro  
Com toda a Eternidade dos vencidos.*

Ó consôlo e a cura porém sem demora lhe adveio das  
mãos pródigas de São Francisco:

*Meu São Francisco, quem em vós confia,  
Com o santo fervor de um franciscano,  
Jamais teme o fracasso ou desengano,  
E até mesmo o impossível desafia.*

*O milagre sublime, soberano,  
Da potência divina se irradia,  
Mas vem por vós na chaga que crucia,  
Pondo o divino no sofrer humano,*

*Pois, o filho de Deus, prevendo as dores,  
Deixou em Monte Alverne as cinco flôres,  
Que são as chagas dadas pela fé*

*A quem por seu amor tôda a riqueza  
Convertiu na seráfica pobreza  
Que ao céu ligou Assis e Canindé.  
(São Francisco)*

E em tôrno de si, dêle que, descrente, palmilhava sem o saber a estrada de Damasco, sobrevem a claridade e os eflúvios de uma vida nova expressa em *Regeneração*:

*No lar que foi outrora de um descrente,  
Hoje outra Palestina se levanta,  
O Bom Jesus comigo almoça e janta,  
Como fêz com os seus antigamente.*

*O cético que fui não mais espanta  
O seu vulto real, onipotente,  
Antes o chama, O atraí constantemente  
Para êsse conviver que tanto encanta.*

*É que no lar de quem se regenera,  
Há um Tabor, um Sinai sòmente a espera  
Do rebento de Deus feito Cordeiro,*

*Que abrindo os braços numa cruz erguida,  
Dá-nos as fontes imortais da vida,  
E muda, em Palestina, o mundo inteiro.*

Não obstante, o pessimismo invade-lhe a alma, e a química da Natureza, como num ecrã, se lhe retrata sob a égide do carbono:

*Vivo no mundo, mas me considero  
O que ninguém quer ser por mais que viva:  
Uma unidade fútil, negativa,  
Que vale tanto quanto vale um zero.*

*Ser menos ou ser mais não me cativa  
Se bem perto já estou do fim que espero  
Dar ao Nada o que quis e hoje não quero  
A vida a restejar quase inativa*

*Vivo sou carne fútil, deletéria,  
Representando um pouco da matéria  
Da qual conheço seu autor e dono:*

*Aquêlê verme que anda consumindo  
O que vai o mundo inteiro produzindo  
Para a imortalidade do carbono.  
(Pessimismo)*

Em *Caveira* vê a ironia do nada ante o efêmero do humano:

*Dizem ter sido de mulher bonita  
A caveira que tenho em minha frente,  
Mas é tão feia! E já não se acredita  
Que tal beleza tenha sido gente.*

*Ri sem saber de que; manga sòmente  
De tudo que no mundo ainda se agita,  
Na certeza de rir sinistramente  
Como vive a sorrir de sua dita*

*Beleza de mulher é na matéria,  
Apenas uma forma de miséria,  
Cá no mundo talvez a mais rasteira,*

*Que a morte tarde ou cedo desfigura  
Quando troca a ridente formosura  
Pela máscara horrível da caveira!*

E fixa em *No Cemitério* o desafio dos mármores ao silêncio igualitário da morte:

*Em mármore talhados, e ostentando  
No Campo-Santo singular grandeza,  
Destaca-se um jazigo de burguesa  
Dentre os que vejo se desmoronando.*

*Olhando-o ninguém sente essa tristeza  
Que deixa a morte no que vai ceifando,  
O orgulho paira em tudo, dominando,  
E a vaidade esplendendo na riqueza!*

*Mas, por contraste, à sombra de um salgueiro,  
Lá repousa, debaixo de um carneiro,  
Onde erguida se vê tristonha cruz,*

*Uma pobre de bens destituída,  
Demonstrando, na cinza, o que foi vida  
E mostrando, na sombra, o que foi luz.*

Visando a uma fuga, perde, por fim, o interêsse de existir. Bendiz a morte e «A foice igualitária de Tarquínio»:

*A morte, minha eterna namorada,  
Vai traçando o meu fim a seu contento  
Vive na rota de meu pensamento,  
Vive beijando as cinzas do meu Nada.*

*Consagração possível de um momento,  
Verdade pura, embora indesejada,  
Gozo ao ver-te seguir na minha estrada ,  
Visando minorar meu sofrimento.*

*Vem. Quero suportar tua agonia,  
Na solidão do verdadeiro dia,  
Apressa, meu amor, meu extermínio,*

*Pois se contigo vivo padecendo  
Eu morrerei sorrindo e bendizendo  
A foice igualitária de Tarquínio.*

(Mórbido Amor)

Em *Fumando* sente o poeta que da vida o sol lhe vai pendendo e antevê «Os despojos das coisas que estão vivas»:

*Vejo imagens azuis se desprendendo  
Do cigarro que fumo por esporte,  
E noto que as visões negras da morte  
Nelas fazem sinais que não entendo...*

*Voluteiam talvez marcando o norte  
Da vida cujo sol já vai pendendo,  
Mas seu mistério, enfim, jamais descendo  
Por mais que a esse mistério me transporte!*

*Sei que vôa e se perde no carbono,  
A cinza da fumaça que abandono,  
Na minha displicência inusitada*

*De sentir nas imagens fugitivas,  
Os despojos das coisas que estão vivas  
Nos lugubres aspectos do meu nada!*

Versos como os que aí ficam, pelo sentido filosófico e psicológico, pela imagem, pelo sentimento, pelos pontos de contacto com os do vate paraibano, não podem ter vida efêmera. Daí por que aqui os reunimos certos de que enriquecerão eles o patrimônio da nossa literatura.

Assinale-se: antes, o lírico era a nota da poesia de Pedro Mavignier.

xxx

Pedro Mavignier nasceu a 2.8.1898 em Maranguape (Ceará). País: Gastão Mavignier e Ana Gomes da Costa. Carreira: Advogado (provisionado), Contador e Professor de Estatística e Legislação Aplicada. Casou com Maria Gomes Mavignier. Filhos: Raimundo Antônio Mavignier (Engenheiro Civil) e Neuma Mavignier.

Maranguape, setembro de 1970.